

ILHA CORPO VIVO

WILNÊS HENRIQUE

Wilnês Henrique é artista, economista e socióloga. Além do desenho e da aquarela, explora a pintura, impressão, instalação, escrita e audiovisual. História, memória e tempo presente, um olhar atento ao outro e ao seu entorno, e questões sensíveis como a destruição ambiental ganham diferentes formas de expressão em seu trabalho. Desde 2020, participa regularmente de cursos livres, ateliês, grupos de estudos e criação, residências e exposições coletivas.

O texto descreve minha conexão íntima com um parque – fragmento remanescente do bioma Cerrado no espaço urbano de Brasília no século XXI – que se torna uma “ilha corpo vivo”, marcada por agressões e degradações.

Observo com dor e reflito sobre a exploração da Terra e da natureza, em que as paisagens se tornam espaços de resistência e regeneração mas também de vulnerabilidade e sofrimento, e sobre a crueldade do capitalismo, que destrói sem remorso vidas e territórios.

ilha corpo
vivo, cerrado,
destruição
ambiental,
urbanização
predatória.

Procurei por Bernardo Sayão nos buscadores de localização da internet. Nome não encontrado. Sei que ele está aqui. O parque e eu somos vizinhos há nove anos.

O parque já estava aqui quando cheguei. Dizem que desde 2002. Acho que está há bastante mais tempo, alguns milhares, milhões de anos. Ele é muito, muito mais velho do que eu, que estou de breve passagem.

Faz algum tempo que acho que ele é uma ilha. Não apenas um lugar, um território. Uma ilha corpo. Uma ilha corpo vivo. Ao seu redor, um fluxo constante, não de água, de carros, delimita suas fronteiras. Um mar – de gentes, suas moradias, suas atividades – vai se estendendo para além desse fluxo.

Esse corpo é profundo. Suas profundezas são rochas de idade que se estende de 545 milhões a 1 bilhão de anos, quando há as primeiras evidências diretas de vida multicelular, e de 1 a 1,6 bilhão de anos. Contatos entre quartzitos médios e metarritmitos arenosos do Grupo Paranoá, formado nos períodos meso e neoproterozoico, como classificam os especialistas.

Esse corpo profundo é também poroso e permeável. Deixa penetrarem e fluírem nele as águas das chuvas, recarregando aquíferos que alimentam córregos que alimentam um lago artificial, o Paranoá, e um rio chamado de São Bartolomeu. Desse corpo jorram nascentes que formam um pequeno córrego, o Rasgado, que desagua no Paranoá.

Animais e aves, nesses anos pandêmicos muitas aves mais, se abrigam nesse corpo.

Sua pele, vermelha e vermelha à amarela na maior parte, é coberta de jardins de Cerrado – cerrado típico, cerrado ralo, campo sujo seco, campo sujo úmido com murundu, mata de galeria, vereda, na classificação de especialistas. Ultimamente, esses jardins têm sido habitados por plantas vindas de muito longe - trazidas pelos ventos e pelas mãos da vizinhança - e por mortas árvores publicitárias e de iluminação pública, retas e duras.

Sua pele é também coberta de muitas cicatrizes, cicatrizes causadas pelas disputas e ocupações de seu corpo. As mais feias e duradouras provocadas por grileiros, especuladores imobiliários, empresas de serviços públicos, maus governos, burocratas ambientais que brandem a bandeira do saber técnico para atender ao governo de plantão e aos donos do dinheiro.

Sua pele, como se não bastasse, se abre em muitas, muitas feridas. Abertas pelo fogo intencional, pelas rodas de maquinários, caminhões, carros, motos e bicicletas, pelo lixo ali descartado. Restos de jardins, restos de objetos, restos de casas, restos de arquivos, restos, restos e restos, da vida de gentes.

Por sua natureza, essa ilha corpo vivo está estruturalmente associada a uma alta sensibilidade de contaminação de aquíferos. A retirada de seus jardins nativos pode também levar à erosão de sua pele e carne expostas, acelerando o assoreamento do lago Paranoá.

Mas essa ilha teima em se curar e se regenerar das agressões que sofre, em uma dura batalha com aqueles que insistem em violar seu corpo, dominar seu destino.



FIGURA 1
WILNÊS HENRIQUE. SEM TÍTULO.

O parque e eu fomos nos aproximando nos últimos anos, e nossa relação se estreitou há alguns meses. Num momento em que eu estava distante, em meio à Mata Atlântica, entre memórias de quarenta anos atrás e o que via ali agora, veio a notícia. O parque estava sendo de novo mutilado, suas fronteiras revolvidas, levando de roldão seus jardins de cerrados – até mesmo um jardim de canelas de ema –, suas vísceras. Parte de seu corpo se transformando em uma segunda pista da rodovia DF-001, chamada de Estrada Parque Contorno, a rodovia sob responsabilidade do governo do Distrito Federal que contorna Brasília.

Quando voltei ao Cerrado, fui vê-lo. Toda fronteira de seu corpo de sul a leste, voltada para o nascer do sol, havia sido escavada, revolvida, socada, e começava a ser impermeabilizada. Seus jardins foram cortados, soterrados, restos seus armazenados. Os gritos mudos de sua dor ecoaram em mim. Compreendi o que são serra, escavadeira, rolo compressor, asfalto.



FIGURA 2
WILNÊS HENRIQUE. SEM TÍTULO.



FIGURA 3
WILNÊS HENRIQUE. SEM TÍTULO.

Na fronteira mais à nordeste, um pedaço dele que estava se regenerando voltou a ser escavado, suas entranhas viraram pó. Me deparei ali com outra ilha em sua pele destroçada. Uma nova ilha na ilha corpo vivo, mas que logo deixaria de fazer parte desse corpo. De imediato me veio aos olhos uma imagem de profunda solidão, imagem vivida algumas décadas atrás.

Constatei mais uma vez a prioridade do fluxo de carros, da paisagem dos objetos e da linha reta que encurta – encurta? – distâncias e tempos, e o poder do dinheiro em ano eleitoral. O que importa para eles a ilha corpo vivo que alimenta as águas, limpa os céus, abriga animais e aves, cria vida?

Naquela noite, sonhei que o que ocorria no parque ocorria em minha casa.

Alguns dias depois, saindo de uma aula da Universidade de Brasília, indo em sentido norte, me deparei com mais uma ilha. Lá estava novamente o fluxo de carros ao seu redor, mas era uma ilha corpo morto, habitada por palmeiras decorativas, árvores mortas de iluminação pública e corpos vivos de pessoas e suas moradas, miseráveis, que teimam em sobreviver. Num lampejo, vi a ilha que havia encontrado na fronteira de meu vizinho parque, a solidão dos destituídos em meio à abundância de mercadorias e riqueza. Em outro lampejo, vi nesses corpos vivos o lixo descartado no parque, condição desumana, desnecessária. Ferida desse capitalismo profundamente desigual e predatório, que não cicatriza.

Na semana seguinte, eu disse em aula – “Quero visitar o parque com vocês”, mas ainda incerta por onde ir. À nova ilha mais à nordeste? Será que ela ainda está lá naquela fronteira em transformação? Andar em sua grande cicatriz de asfalto e chegar à fronteira à sudeste em pavimentação? Olhar a paisagem à oeste a partir dessa cicatriz? Do alto, num só olhar, ver o Plano Piloto se descortinar? Virar ao sul e vivenciar um de seus jardins? O jardim mais antigo de canelas de ema no campo seco, talvez?



FIGURA 4
WILNÊS HENRIQUE. SEM TÍTULO.

Em outra aula, proponho a todos – “vamos caminhar na fronteira do parque mais à nordeste, pelo menos até a nova ilha?”.

Então, voltei ao parque para ver se ela ainda estava ali.
Difícil conter a dor e o choro pelo caminho.

Feridas abertas, marcas de maquinários em suas entranhas escavadas, restos cortados de jardins, árvores secas, pouco restou da regeneração que ocorria sobre a degradação feita por gentes há mais tempo quando da abertura da primeira pista da rodovia DF-001.

A nova ilha continuava ali, sim.

Em sua pele, lá no alto, um pequeno jardim com uma árvore teimando em viver. A imagem da solidão cresceu em mim.

Senti vontade de acariciar, abraçar o jardim teimoso com sua árvore captando luz, devolvendo oxigênio, aprofundando suas raízes, vendo suas irmãs ao longe, conectando-se a elas pelo interior da terra e pelos ventos. Ao me dar conta de que precisava de uma escada para alcançá-lo, assim fiz em imaginação.



FIGURA 5
WILNÊS HENRIQUE. SEM TÍTULO.

Hoje, 16 de setembro de 2020, caminhamos na fronteira do parque mais à nordeste sob um ápice de aridez e calor, e de novo junto à nova ilha e sem escada volto a abraçar em imaginação o pequeno jardim teimoso.

Pergunto – será que vai chover? Esperando que depois da seca sempre venha a chuva, para que a vida brote, desprendo essas sementes:

“... . A harmonia do mundo como paisagem desperta no sujeito a harmonia de suas faculdades internas. ...” (p.47) “... A paisagem, mundo do olhar, reconcilia as faculdades (razão e sensibilidade) separadas pela ciência. A contemplação e o gozo se encontram. Mas, nesta serenidade aguardada, é uma sensibilidade de aspecto cambiante que desempenhará o papel principal: porque a harmonia não é um objeto, e sim a luz secreta que brilha através do objeto, e só pode percebê-la na paisagem o olhar com um sentimento aberto aos acordes íntimos que religam o homem ao mundo. ...” (p.47, 48) (BESSE, 2014, p.47, 48).

“... . Direi melhor: é preciso que um lugar se torne uma paisagem interior, para que a imaginação comece a habitar aquele lugar, a fazer dele seu palco. ...” (CALVINO, 2006, p.182).

“A experiência da paisagem engloba, então, o exterior e o interior, o que vemos e o que sentimos ou cuja existência pressentimos.” (DIAS, 2010, p.294).

“... Como se abstrair das cores e texturas sutis presentes em todo lugar, criando uma paisagem onde o olhar, a curta distância, se perde? Como

se extrair do lugar sensual e enfeitiçado para enfrentar a aspereza única dos Algarismos e das palavras? ... Sem dúvida foi aqui que se estabeleceram, sem eu saber, as bases de um sentimento íntimo com a natureza, nesse território sem limites e, no entanto, bem limitado, que ainda hoje, quando eu penso nele, eu chamo de: jardim para uma falha do tempo.” (CLÉMENT, 2021, p.2).

“... as plantas ... Demonstram que a vida é uma ruptura da assimetria entre continente e conteúdo. Quando há vida, o continente jaz no conteúdo (e é, portanto, contido por ele) e vice-versa. O paradigma dessa imbricação recíproca é o que os antigos já nomeavam sopro (pneuma). Soprar, respirar, significa de fato fazer esta experiência: o que nos contém, o ar, se torna conteúdo em nós, e, inversamente, o que estava contido em nós se torna o que nos contém. ... As plantas transformaram o mundo na realidade de um sopro, ...” (p.17) “... elas fazem o Sol morar na Terra: transformam o sopro do Sol – sua energia, sua luz, seus raios – nos próprios corpos que habitam o planeta, fazem da carne viva de todos os organismos terrestres uma matéria solar. Graças às plantas, o Sol se torna a pele da Terra, sua camada mais superficial, e a Terra se torna um astro que se alimenta do Sol, se constrói com sua luz. Elas metamorfoseiam a luz em substância orgânica e fazem da vida um fato principalmente solar. ...” (p.86) (COCCIA, 2018, p.17, 86).

“... A dor que eu sinto aí é, todavia, benéfica, sim, avivadora. Ela me devolve a realidade, sim, a corporeidade que é hoje cada mais perdida no *morno mundo digital*. Esse mundo não conhece nenhuma temperatura, nenhuma dor, nenhum corpo. O jardim, porém, é rico em sensibilidade e materialidade. ...” (p.24) “Quando nos ocupamos mais detidamente com a história da Terra, sentimos uma profunda veneração pela Terra, que, hoje, infelizmente, está entregue a uma total exploração. Ela é verdadeiramente arruinada. Deveríamos aprender novamente o espanto com a Terra, com a sua beleza e estranheza, com a sua unidade [Einmaligkeit]. ...” (p.33) “... as margaridas... Elas desafiam o frio que aniquila a vida. A esse longo tempo de florescimento remete inclusive o seu belo nome botânico, *Bellis perennis*, a beleza duradoura. Ela é uma flor que é, certamente, dotada de um desejo metafísico, uma verdadeira flor platônica. ...” (p.46) (HAN, 2021, p.24,33,46).

“Fui tomado pelo desejo de realizar alguma vez aquilo que todos os dias imaginava fazer, ...” (p.1) “... um outro pensamento ocupou o meu espírito e transportou-me dos lugares para os tempos. ...” (p.4) (PETRARCA, s.d., p.1, 4).

“..., Paris era uma instalação sanitária e dois lençóis e água quente caindo sobre o peito e as pernas, e uma tesoura de unhas, e vinho branco, ...” (p.163) “..., e todos corriam a oitenta quilômetros por hora na direção das luzes que cresciam pouco a pouco, já sem que se soubesse direito para que tanta pressa, para que tanta correria na noite entre carros desconhecidos onde ninguém sabia nada dos outros, onde todo mundo olhava fixamente para a frente, unicamente para a frente.” (p.167) (CORTÁZAR, 2020, p.163, 167).

“Uma lágrima escorre em meu rosto, meus olhos lívidos continuam fixos na tela, que agora não faz nada além de refletir minha própria vida. Estou diante do espelho. Não existem mais absurdos, estranhezas, coincidências fortuitas. Existem apenas ressonâncias.” (p.16) “Digo que há algo invisível que impele nossa vida rumo ao inesperado.” (p.88) (MARTIN, 2021. p.16, 88).

“..., lá está o bandeirante, o símbolo do capitalismo paulista. E quem é ele? Um aventureiro movido pela cobiça, que busca a riqueza fácil e trata de escravizar homens enquanto amplia a base territorial. É esse espírito de aventura quando racionalizado, isto é, calculado, que move nossos capitalistas, que dispõem de homens a serem explorados num imenso território. Os caminhos da aventura impõem fronteiras à sociedade, isto é, estabelecem os limites social e eticamente acanhados em que estamos imersos.” (HENRIQUE, 1999, p.185).

“... . Só os humanos cometem crimes, organizam massacres ou inventam torturas para provocar sofrimentos nos seus semelhantes. Só os humanos humilham os animais, ... Só os humanos são capazes das piores perversões. ... – Perverter significa desviar, inverter, virar do avesso, inverter, transformar o bem em mal ou, ainda, gostar de se destruir ou destruir os outros, comportar-se como um carrasco. Os animais não são perversos, pois eles não destroem nada pelo prazer de destruir. ...” (ROUDINESCO, 2019, p.102).

Wilnês Henrique
Cerrado, Brasil, Brasília
Escrito em setembro de 2022
Revisitado em fevereiro de 2025



FIGURA 6
WILNÊS HENRIQUE. SEM TÍTULO. REGISTRO: LAURA PAPA.

Referências Bibliográficas

BESSE, Jean-Marc. *Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. São Paulo: Perspectiva, 2014, p.47, 48.

CALVINO, Italo. *Eremita em Paris: páginas autobiográficas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p.182.

CLÉMENT, Gilles. Jardim para uma falha de tempo. Cadernos Selvagem, publicação digital, Dantes Editora, 2021, cópia, s.d., p.2.

COCCIA, Emanuele. A vida das plantas: uma metafísica da mistura. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018, p.17, 86.

CORTÁZAR, Julio. *A autoestrada do sul e outras histórias*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2020, p.163, 167.

DIAS, Karina. *Entre visão e invisão: paisagem: por uma experiência da paisagem no cotidiano*. Brasília: Programa de Pós-graduação em Arte, Universidade de Brasília, 2010. p.294.

HAN, Byung-Chul. *Louvor à Terra: uma viagem ao jardim*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021, p.24, 33, 46.

HENRIQUE, Wilnês. *O capitalismo selvagem: um estudo sobre desigualdade no Brasil*. Tese (Doutorado em Ciências Econômicas, área de Política Social), Instituto de Economia (IE)/Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 20 de agosto de 1999, p.185.

MARTIN, Nastassja. *Escute as feras*. São Paulo: Editora 34, 2021, p.16, 88.

PETRARCA. Carta do Monte Ventoso Familiarium rerum libri [1] IV, 1 [2]. Tradução de Paula Oliveira e Silva (Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa), cópia, s.d. p.4.

ROUDINESCO, Élisabeth. *O inconsciente explicado ao meu neto*. São Paulo: Editora Unesp, 2019, p.102.